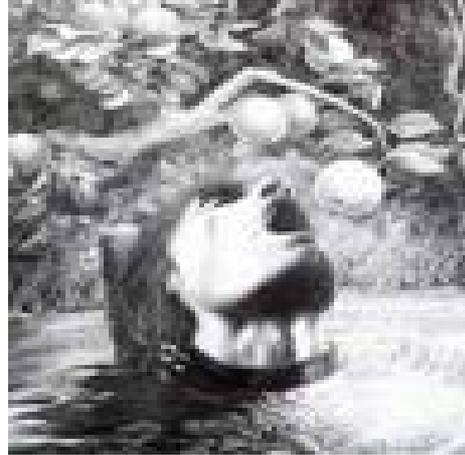


A era de Tântalo e a educação

Raymundo Lima*

São muitas as denominações de nossa época: “era tecnológica”, “era de esclarecimento”, “era dos extremos”, “era da incerteza”, “era do espetáculo”, “era dos absurdos”, “era líquida”. Falta, ainda, considerar que vivemos numa “era de Tântalo¹”.



Personagem menor da mitologia grega, Tântalo, ousou testar a onisciência dos deuses, e por isso foi condenado por eles a não poder saciar sua fome e sede, embora estivesse dentro d’água, mas preso, com galhos cheios de frutos balançando ao vento e roçando sua boca. O suplício de Tântalo refere-se ao paradoxo do ser humano: deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável, a exemplo do ditado popular “Tão perto, tão longe”. Ou celebridades que parecem ter tudo ao seu alcance – como Michael Jackson, Elvis, Karen Carpenter, entre tantos outros – que terminam morrendo prematuramente, podem servir como alerta ‘tantológico’

Os jovens de nosso tempo dão impressão de que vivem plenamente a situação de Tântalo: são criados com mimos e papparicos, com a ilusão de ter ‘tudo’ (eletrônicos, principalmente), obter informação abundante e acessar conhecimentos diversos mediados pelos professores, bibliotecas, internet, congressos, foruns de debates, etc, mas esses jovens não o fazem, ou demonstram apatia para pensar. As escolas públicas ou particulares sofrem com essa geração de alunos que não estabelecem relação com o saber. Seria uma forma inconsciente de protesto contra a “sociedade do conhecimento”? A relação-com-o-saber é uma condição imprescindível para aprender, e aprofundar os conhecimentos sistemáticos por meio da pesquisa científica. Falta a essas pessoas “chutzpah” (ver: <http://www.espacoacademico.com.br/083/83lima.htm>), determinação, ousadia, desejo, paixão para o saber, bem como também para melhorar sua vida prática e sua práxis política.

Relação com o saber X resistência ao saber

Na sociedade do conhecimento vivemos uma profunda crise em relação ao saber, que atinge tanto alunos como professores. Inspiro-em em Bernard Charlot (2000, 2005), que reconhece três tipos de alunos em sala de aula², hoje: 1) a maioria são meros “alunos” que se esforçam o mínimo visando apenas tirar nota para passar de série; 2) apenas uma minoria é composta de “estudantes” cuja aula lhes faz sentido, leem e estudam por conta

* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Depto. Fundamentos da Educação, na área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

¹ Seguimos o estilo de Freud, que usa os mito de Édipo e o Mito de Narciso para ilustrar dessa forma duas importantes teorias da psicanálise. No caso do mito edípico, Freud adaptou-o à sua teoria, que seria legítimo visto que o foco nesse caso é a construção teórica e não a interpretação do mito. (ver PELLEGRINO, H. Édipo e paixão. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia da Letras, 1988, p. 307-327.

² Charlot (2005) reconhece quatro tipos de alunos, que reduzimos em apenas três.

própria, mais por prazer do que por dever; 3) um terceiro grupo é composto de “alunos-perdidos” que não entendem a lógica da escola, nem sabem porque devem estudar, e muitas vezes resistem as regras deste estabelecimento. Esses últimos geralmente contribuem para aumentar a evasão escolar.

Por outro lado, como já sinalizamos, os professores das escolas também fazem parte da crise da relação com o saber. A maioria vive a situação de Sísifo, também um personagem da mitologia que foi condenado pelos deuses a rolar uma enorme pedra. Albert Camus (sd), no seu ensaio sobre Sísifo, no fundo faz um alerta para aqueles que concebem seu trabalho como: penoso, sem sentido, repetitivo, sem reconhecimento pelo esforço despreendido e sem esperança de um dia ser diferente, criativo, e prazeroso. Muitos professores se deixaram aprisionar a essa situação de Sísifo. Em vez de se entregar ao desespero e a desesperança, é no momento de descanso de sua pedra que cada um pode/deve tomar à consciência sobre sua tragédia; como “sujeito” cada um deve dar uma virada significativa no modo-de-ser. Camus nos convida a imaginarmos Sísifo feliz!

Mais centrada no mito de Tântalo, a psicopedagoga argentina Alicia Fernández (1994) analisa porque as professoras hoje revelam-se passivas, desinteressadas para pensar e renovar sua práxis. Ela se interroga por que essas professoras estão a um passo de “aburrirse”, já que se acreditam vazias, sem imaginação, sem sonhos e sem desejo para crescer intelectualmente. A formação continuada dessas professoras pode ser um momento propício tanto para revelar sua inteligência “aprimorada”³, como também para dar um salto no sentido da renovação para pensar e agir.

Alunos e professore ‘tantalógicos’

O mito de Tântalo pode ser um alerta para professores e alunos, que, embora convivam com abundância de conhecimentos e informações, possibilidades mil de saber-e-aprender mais e mais, atualmente tendem ao “aburrimiento”: professores sem desejo e sem imaginação para ensinar, e alunos sem motivação para aprender os conteúdos da escola.

Professores que sabem ensinar ‘com’ pesquisa geralmente tiram os alunos da passividade, levando-os a aprender-fazendo. Outros professores, porém, refoçam nos alunos a apenas “assistir” sua aula, e desse modo castram o seu desejo de questionar, debater, criticar, investigar numa pesquisa.

Pergunto-me por que os professores não são preparados ‘psicanaliticamente’ para saber ‘escutar’ a subjetividade de cada aluno? Por que não sabem reconhecer e lidar com os diversos grupos, alguns patológicos (gangs) que impõem medo e angústia na sala de aula, sabotando assim o ensino e a aprendizagem?

Para além da escola, o mito de Tântalo ainda alerta para o perigo da *não* transformação dos conhecimentos e informações em sabedoria prática. Obesidade, diabetes, hipertensão, depressão, são algumas doenças denunciadoras de que não basta estar bem informado e conhecer as causas dessas doenças. Parafraseando Kant, podemos afirmar que vivemos numa *era do conhecimento* (“era do *esclarecimento*” - al.: Aufklärung -, segundo Kant), mas as pessoas em geral não vivem “esclarecidas”. O *esclarecimento* diz respeito principalmente ao mundo prático humano e não apenas ao abstrato.

³ “Inteligência aprisionada” é título de outro livro dessa autora, traduzido assim do castelhano.

A era de Tântalo nos alerta que podemos ter ‘tudo’ para sermos esclarecidos, saudáveis, prontos para uma vida longa e feliz. Mas existe algo que nos barra...

Referências

CAMUS, A. **O mito de Sísifo. Ensaio sobre o absurdo.** Lisboa: Livros do Brasil-Lisboa, sd.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos p/ uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Relação com o saber, Formação dos professores e Globalização.** P.Alegre: Artes Médicas, 2005.

FERNANDEZ, A. **A mulher escondida na professora:** uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** (Aufklärung) – 05 de dezembro de 1783. Textos Seletos. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LIMA, R. **O “chutzpah” e a educação do desejo.** Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/083/83lima.htm>